

**Montaigne em Machado: as crônicas da série “Bons dias!”\***

Alex Sander Luiz Campos (UFMG)\*\*

**Resumo:** Afrânio Coutinho (1959) discute a formação filosófica de Machado de Assis, apontando a filiação desse escritor a Pascal e Montaigne. A reflexão trazida por Coutinho nas páginas de *A filosofia de Machado de Assis* sobre a constituição de um espírito “clássico” em Machado é aproveitada neste trabalho para a realização de algumas aproximações entre os *Ensaaios*, de Michel de Montaigne, e as crônicas da série “Bons dias!”, de Machado. Nesse intuito, são pensados os gêneros em que esses escritores desenvolvem seus projetos de escrita: o ensaio e a crônica. Verificou-se que Montaigne se faz presente de várias formas em “Bons dias!”, entre elas a confluência temática. Constatou-se que o papel de Montaigne na formação machadiana não se restringe à atitude espiritual, passando necessariamente pela criação literária.

**Palavras-chave:** Machado de Assis, Michel de Montaigne, “Bons dias!”, *Ensaaios*, criação literária.

**Abstract:** Afranio Coutinho (1959) discusses the philosophical background of Machado de Assis, pointing to the affiliation of the writer Montaigne and Pascal. The reflection brought about by Coutinho in the pages of *A filosofia de Machado de Assis* [*The Philosophy of Machado de Assis*] on the establishment of a “classic” spirit in Machado is utilized in this work to carry out some similarities between Michel de Montaigne’s *Essays* and the *crônicas* of Machado de Assis’ series “Bons dias!” [“Good morning!"]. To that end, are thought to genres in which these writers develop their writing projects, the essay and the *crônica*. Montaigne is present in various ways in “Bons dias!”, including the confluence theme. The role of Montaigne in Machado’s formation is not restricted to spiritual attitude, but there is a necessary step for literary creation.

**Keywords:** Machado de Assis, Michel de Montaigne, “Bons dias!” [“Good morning!"], *Essays*, literary creation.

Um crítico literário defensor do cânone, Harold Bloom, coloca os *Ensaaios*, de Michel de Montaigne, ao lado da Bíblia e do Alcorão, competindo com Dante e Shakespeare – são, todas elas, obras detentoras do *status* de Escritura (BLOOM, 2001, p. 148). Com efeito, simultâneo ao fato de que os *Ensaaios* se relacionam com a formação da mente da França é o fato de que seu autor talvez seja o menos confinado por uma cultura nacional (BLOOM, 2001, p. 148). Além disso, soube esse autor fundir-

---

\* Uma primeira versão deste texto foi apresentada como comunicação ao II Seminário de Pesquisa em Literatura e Criação Literária, promovido pela Universidade Estadual de Montes Claros em 2010.

\*\* Mestrando em Estudos Literários (Área de concentração: Literatura Brasileira), bolsista do programa CAPES/REUNI (Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil, e-mail: alexslc@ufmg.br, curriculum vitae: <<http://lattes.cnpq.br/7267778457978716>>).

se de tal forma a seu livro, num ato aberto, que outro nome não serviria para qualificar semelhante triunfo senão “originalidade” (cf. BLOOM, 2001, p. 147).

Tema recorrente nos estudos montaignianos é a posteridade espiritual do autor dos *Essais*. Uma leitura atenta dos *Pensées*, por exemplo, escritos por Blaise Pascal no século XVII, mostra o quanto os *Pensamentos* devem à meditação que fez seu autor sobre os *Ensaaios* de Montaigne, obra do século precedente (COUTINHO, 1959, p. 81). Entre os ensaístas e escritores das mais diversas tendências, cuja dívida com os *Ensaaios* e seu autor é conhecida, Coutinho (1959, p. 80) cita Francis Bacon, Daniel Defoe, Voltaire, André Gide, entre vários outros. Houve quem classificasse Montaigne entre os poetas da filosofia – foi o caso de Montesquieu. Stendhal consultou os *Ensaaios* para escrever o tratado *Do Amor*, Shakespeare os consultou para escrever uma passagem de *A Tempestade*. Pierre Jean de Béranger lastimou, de forma humorística: “Quantas ideias me roubou esse homem!” (citado por MONTAIGNE: vida e obra. In: MONTAIGNE, 1987, p. XX). Emerson, americano que encontrou no escritor francês um mestre de vida, é também autor de uma frase célebre sobre os *Ensaaios*: “Cortem essas palavras, que elas sangrarão; são vasculares e vivas.” (citado por BLOOM, 2001, p. 147).

Esse breve passeio pela presença de Montaigne nas letras de literaturas tão distintas não se configura gratuito; ao contrário, objetiva justificar, de certa forma, a empreitada realizada neste trabalho. A relação apresentada no parágrafo anterior mostrar-se-ia ainda mais incompleta – outros nomes poderiam facilmente entrar nela – se um nome fosse omitido: Machado de Assis. Objetiva este trabalho comprovar como, além de pertencer a uma tradição que Gai (1997) postula “cética”, tradição que ajuda a compreender o espírito “clássico” machadiano (cf. COUTINHO, 1959), a presença de Montaigne em Machado está inevitavelmente vinculada à criação literária do autor brasileiro. Para tanto, ao lado dos *Ensaaios*, figurarão as crônicas machadianas da série “Bons dias!”, publicadas de 1888 a 1889 no periódico fluminense *Gazeta de Notícias*.

A metodologia empreendida para esta investigação passou pela leitura das obras e a delimitação de um *corpus* condizente com as dimensões de um trabalho desta natureza – dos *Ensaaios*, utilizou-se o texto “De como o que beneficia um prejudica outro” (cap. XXII, livro 1); de “Bons dias!”, as crônicas de 19 e de 30 de março de 1889. Pareceu significativo ao estudo comparativo dos dois autores uma aproximação entre os gêneros desenvolvidos por eles nos trabalhos aqui discutidos: o ensaio e a crônica. Foram

utilizados, então, os estudos de Brasil (1979) e Coutinho (1999, v. 6), autor de um texto fundamental quanto ao assunto: “Ensaio e crônica”, capítulo 57 d’*A literatura no Brasil*.

A seguir, serão resumidamente apresentadas características das duas obras estudadas – não mais que o suficiente para que o leitor menos familiarizado possa acompanhar com algum conforto a análise posterior da criação literária em “Bons dias!” pelo viés montaigniano. Algumas vozes críticas serão evocadas, sempre que convenientes. Só então virá a discussão, nem sempre fácil, sobre a formação “clássica” machadiana – aqui entendida no sentido de uma formação baseada nos clássicos, como Shakespeare, Cervantes, Montaigne, etc. (cf. COUTINHO, 1959, p. 65 e OLIVA, 2008, p. 4) –, porque, se talvez seja bem aceito entre críticos e estudiosos de Machado que “sua obra do período definitivo se distingue como clássica, não somente pela preocupação da análise psicológica, senão também pela intenção racional de compreender o mundo; pelo gosto do universal e do permanente” (COUTINHO, 1959, p. 65), não há o mínimo consenso sobre a análise que faz Afrânio Coutinho do aspecto do pessimismo na obra machadiana, um dos principais temas d’*A filosofia de Machado de Assis*. Entre os autores que discordam relativamente da posição assumida por Coutinho estão Gai (1997), Holanda (2005) e Oliva (2008). Contudo, a indicação de Coutinho de que Machado fora um clássico na sua maturidade, para Oliva “o que o crítico apontou de melhor em sua reflexão” (OLIVA, 2008, p. 4), já seria suficiente para justificar qualquer incursão pelas letras do Bruxo ancorada na perspectiva clássica.

Em virtude das limitações deste trabalho, não é sua preocupação o estudo comparativo nos termos de “fonte” e “influência”, “poética do conflito”, etc., ainda que um ou outro termo porventura apareça. Além de esse instrumental teórico poder ser mais bem desenvolvido num estudo posterior, poderia tomar o espaço das discussões que por ora interessam. O estudo comparativo dar-se-á, então, em termos de diálogos, aproximações e do que Coutinho trata como “estudo das técnicas da arte literária através da observação dos modelos” (COUTINHO, 1999, v. 4, p. 342).

A obra que Bloom dispõe juntamente com a Bíblia e Shakespeare é dividida em três volumes. Os dois primeiros são publicados em Paris, em 1580; oito anos depois, sai o terceiro. Até morrer, em 1592, seu autor não para de reescrevê-los, acertando detalhes de estilo. Mutabilidade na escrita, mutabilidade também na leitura: “nenhum outro livro é tanto um processo em andamento”, afirma Bloom. Também confessa o crítico: “Não

consigo familiarizar-me com ele, embora o releia constantemente, porque é um milagre de mutabilidade.” (BLOOM, 2001, p. 147).

Logo na introdução dos *Ensaaios*, Montaigne adverte que sua composição é feita como uma colcha de retalhos: talvez a obra não interesse ao leitor, pois colocou nela coisas pessoais (cf. MONTAIGNE, 1987, p. 7), de forma que, conforme verificará a crítica, “o livro é o homem é o livro” (BLOOM, 2001, p. 147). Nada parece escapar à visão de Montaigne, mas ele não julga qualquer objeto: a ponderação é sua marca, os dois lados são observados, confrontados com contraexemplos em tom de conversa (cf. FREITAS, 2009, p. 31). Quanto à composição, os dois primeiros volumes constituem-se de breves ensaios, com exceção do capítulo XII (v. 2), o mais desenvolvido. Há também nesses volumes um número maior de citações de autores antigos (GAI, 1997, p. 32).

Montaigne faz de sua vida o objeto específico dos *Ensaaios*, estuda-se a si mesmo. Revela seus sentimentos e idiossincrasias numa criação difícil de ser classificada, pois, enquanto os filósofos sentem pela falta de sistematização e certeza, os críticos literários encontram uma orientação demasiado filosófica (GAI, 1997, *passim*). Entretanto, além de ser considerado o criador do gênero ensaio no Ocidente, gênero caracterizado pela “reflexão e beleza estilística” (BRASIL, 1979, p. 72), Montaigne fez uso de outros procedimentos considerados literários nos *Ensaaios*, como a citação, a livre associação de ideias, a narração de casos ou episódios e análise psicológica (GAI, 1997, p. 37).

Três séculos após a publicação dos *Ensaaios*, a *Gazeta de Notícias*, no Rio de Janeiro, iniciava a publicação de uma nova série de crônicas – “Bons dias!”, de Machado de Assis. Trata-se, segundo Betella, de “uma das realizações incomparáveis no âmbito da crônica brasileira” (BETELLA, 2007, p. 188). É pertinente já fazer uma comparação com Montaigne: enquanto o francês notabilizou-se por, não obstante o antecedente de gregos e romanos, ser o “criador” do gênero literário ensaio, o escritor brasileiro teve um papel significativo para a concepção que hoje temos, em nossa literatura, de crônica. Tanto é, que Gustavo Corção, em um texto sempre lembrado pelos estudiosos de Machado – “Machado de Assis cronista” – propõe a divisão do gênero crônica em duas espécies: de um lado, as que se submetem aos fatos, que pretendem fornecer material à “peneira dos historiadores”; do outro, as crônicas que se servem dos fatos para superá-los, ou que usam os fatos como pretextos para divagações

que escapam à “ordem dos tempos”. A esta última espécie pertencem as crônicas machadianas (CORÇÃO. In: ASSIS, 1973, p. 328).

Betella ressalta que, nessas crônicas, encontra-se a “tão apreciada e apregoadá” modernidade do texto machadiano, em particular dos seus romances (BETELLA, 2007, p. 188). Prova disso é a própria heterogeneidade narrativa de “Bons dias!”, que conjuga elementos tradicionais da narrativa (narrador, tempo, espaço, etc.) com inovações que dificultam inclusive a análise da crônica por parte da crítica. O cronista se apresenta, já na primeira crônica, a de 5 de abril de 1888, como um ex-relojeiro descrente do ofício, pois “tão certo pode ser o meu relógio, como o do meu barbeiro” (ASSIS, 2008, p. 80). Na composição de “Bons dias!”, serão relevantes pontos já destacados sobre os *Ensaio*s, como o forte uso de citações – Betella classifica como “estrutural” o procedimento, também usado nos romances, da referência a “inúmeras fontes literárias e históricas” (BETELLA, 2007, p. 188) –, a livre associação de ideias – aspecto já notado por Corção, que comenta, referindo-se a Machado: “ninguém mais é bastante sábio para começar sua crônica pelas rosas e borboletas e emendá-las, com a lógica suprema do delírio, numa intimidação da intendência municipal” (CORÇÃO. In: ASSIS, 1973, p. 325) – e a recorrência a narrações de episódios, as “narrativas menores” ou “enredos encaixantes” a que se refere Oliva (2008, p. 12).

N’A *filosofia de Machado de Assis*, Coutinho defende que nada há mais importante para a compreensão de uma obra literária que a investigação das fontes de seu autor. A literatura comparada permite, dessa forma, identificar o quão foi influenciada nossa literatura pelas estrangeiras, principalmente a francesa (COUTINHO, 1959, p. 14). Não é difícil perceber, portanto, que Coutinho utiliza os conceitos de “fonte” e “influência”, embora, no caso específico da relação entre Montaigne e Machado, admita que se trata de “influência verdadeira” e, conseqüentemente, mais um “encontro” do que uma “filiação” (COUTINHO, 1959, p. 17).

De qualquer forma, sabe-se que Machado leu Montaigne. Na classificação que faz Coutinho dos autores que mais suggestionaram o autor de *Dom Casmurro*, Montaigne aparece em dois grupos: no que influenciou Machado quanto à concepção e técnica literária e de estilo e no que o influenciou em relação à filosofia ou concepção do mundo e do homem (COUTINHO, 1959, p. 18). A presença de Montaigne nesse último grupo comprova-se pela constatação de que Machado, em sua fase definitiva, revelou-se

um “clássico” – pela sua educação intelectual e também pela índole pacífica, o temperamento, etc. (COUTINHO, 1959, p. 66). A leitura dos clássicos, uma das bases da educação intelectual de Machado, é ponto que não pode ser ignorado no estudo de sua literatura, pois, como já ressaltou Calvino, mesmo quando não dão o enredo para as investidas literárias, os clássicos fornecem os modelos, as escalas de valores, os paradigmas de beleza, etc. (CALVINO, 1993, p. 10).

A discordância relativa com que muitos estudiosos leem *A filosofia de Machado de Assis* justifica-se pela forma demasiado determinista com que Coutinho encara o pessimismo em Machado. Segundo ele, o escritor “tinha uma visão do mundo ensombreada pelo pessimismo. Só enxergava o lado mau da natureza humana” (COUTINHO, 1959, p. 26), respaldado pela filosofia de Pascal, Montaigne e Schopenhauer. Vozes dissonantes são as de Gai – que reconhece o pessimismo como apenas uma das faces de Machado, não correspondendo ao escritor inteiro (GAI, 1997, p. 134) – e a de Holanda, voz questionadora: “até onde é lícito admitir que ele [Machado] só enxergou maldade no mundo?” (HOLANDA, 2005, p. 311).

A definição de pessimismo como “a disposição de espírito a ver somente o lado mau das coisas”, proposta por Coutinho (1959, p. 26), é contrariada pela própria ficção machadiana. Na crônica de “Bons dias!” de 19 de março de 1889, o cronista recebe a notícia de que falecera em Portugal um nobre, conde da Praia da Vitória e visconde de Bruges, cuja missa foi mandada rezar por “um seu amigo – nada mais que amigo gratíssimo à memória do finado. Nenhum nome, nada, um amigo” (ASSIS, 2008, p. 253). O “singular anônimo”, que não usa a morte do ilustre amigo para “superar os contemporâneos” ou ganhar um “naco de glória”, é elogiado com sinceridade pelo cronista, “pintor” do homem todo, não apenas do seu “lado mau”, como quer Coutinho.

A presença de Montaigne em “Bons dias!” pode ser notada pelo próprio gênero em que Machado desenvolve seu trabalho. Ensaio e crônica pertencem a um grupo em comum, o de gêneros literários “em que os autores usam um método direto de se dirigir ao leitor”, sem os artifícios intermediários da epopeia ou do gênero lírico, por exemplo (COUTINHO, 1999, v. 6, p. 117). Quanto ao ensaio, Coutinho lembra que se deve a Montaigne a iniciação do gênero modernamente, com o sentido etimológico de “tentativa”, “experiência”. No ensaio, é o “estilo que marcha a passo com o pensamento e o traduz”, por meio de um discurso sem forma fixa. Pode ser de tipos diferentes: o

*informal*, em que os ensaístas se sentam e observam o espetáculo da vida e do mundo, e o de *juízo*, em que se oferecem conclusões sobre os assuntos – portanto, trata-se, nesse caso, do oposto ao sentido etimológico, que previa apenas a flexibilidade, a liberdade na exposição (COUTINHO, 1999, v. 6, p. 118-119).

A prática brasileira vem restringindo o uso do termo *ensaio* ao segundo tipo, fazendo-o sinônimo de *estudo*. O sentido original de “ensaio” (tentativa, sem método nem conclusão), gênero inaugurado no Ocidente por Montaigne, veio a se tornar no Brasil a *crônica* (COUTINHO, 1999, v. 6, p. 120). Por conseguinte, ainda que recebam denominações diferentes, os gêneros em que escreveram Montaigne e Machado relacionam-se intimamente. “Se compararmos as características dos dois tipos, veremos que as da ‘crônica’ brasileira são as mesmas que os ingleses atribuem ao *personal* ou *familiar essay*” (COUTINHO, 1999, v. 6, p. 122). Em “Bons dias!”, assim como nos *Ensaio*s, prevalece um eu que utiliza de sua própria cultura e fontes para mostrar sua agudeza e estilo na contemplação de si mesmo e dos homens, fazendo uso da linguagem leve e livre, comum tanto ao ensaio do tipo informal, quanto à crônica na acepção originária do jornalismo do século XIX (cf. COUTINHO, 1999, v. 6, p. 121).

De várias formas poderá ser sentida a presença de Montaigne em “Bons dias!”. Na crônica de 30 de março de 1889, por exemplo, pode ser detectada uma interessante confluência temática e de tom com o ensaio montaigniano “De como o que beneficia um prejudica outro”, transcrito (um fragmento) a seguir:

Dêmade, de Atenas, condenou um homem de sua cidade que comerciava com coisas necessárias aos enterros, acusando-o de tirar disso lucro excessivo, somente auferível da morte de muitas pessoas. Tal julgamento não me parece muito equitativo, pois não há benefício próprio que não resulte de algum prejuízo alheio e, de acordo com aquele ponto de vista, qualquer ganho fora condenável. (MONTAIGNE, 1987, p. 56)

Exposta a ideia, Montaigne exemplifica com outros casos em que estão presentes o benefício de um e o prejuízo do outro: o mercador e a mocidade – aquele só faz bons negócios porque esta ama o prazer –, o arquiteto e o dono da casa que está em ruínas, o médico e os amigos – tão propensos às moléstias. Essa reflexão não poderia deixar de estar presente nas crônicas de “Bons dias!”, porquanto também o cronista deseja entender o homem. Na crônica de 30 de março de 1889, serão encontrados elementos

tão dispares quanto uma epidemia entre galináceos – “As galinhas cresceram de preço, com a epidemia, chegando a cinco e creio que sete mil-réis” – e um casebre em chamas:

De relance, faz lembrar o caso daquele sujeito contado pelo nosso João (veja *Almanaque do velhinho*, ano 5º, 1843) que, dando com um casebre a arder, e uma velha sentada e chorando, perguntou a esta:

— Boa velha, esta casinha é sua?

— Senhor, sim, é o triste buraco em que morava; não tenho mais nada, perdi tudo.

— Bem; deixa-me acender ali o meu cigarro?

E o homem acendeu o cigarro na calamidade particular. Mas os dois casos são diferentes; no de Santos rege a lei econômica, e contra esta não há quebrar a cabeça. Diremos, por facécia, que é acender dois ou três charutos na calamidade pública; mas em alguma parte se hão de acender os charutos. (ASSIS, 2008, p. 261)

Utilizando-se de uma facilidade admirável de passear por várias áreas – da economia à ficção dos almanaques –, fazendo uso da “graça dançarina” de que fala Corção (In: ASSIS, 1973, p. 325), o cronista aproxima duas situações que explicitam o quanto o benefício de um – o lucro econômico ou a simples possibilidade de acender um charuto – está relacionado ao prejuízo do outro – quer pagando mais caro, quer assistindo à devastação da própria residência pelo fogo. Contempla a conduta humana, corroborando o pensamento montaigniano de que “quem se analise a si mesmo verá no fundo do coração que a maioria de seus desejos só nascem e se alimentam em detrimento de outrem.” (MONTAIGNE, 1987, p. 56). Assim, antes de “atirar a pedra” ao impassível sujeito do enredo encaixante, o cronista parece convidar a uma autorreflexão e à percepção de que “em alguma parte se hão de acender os charutos” (ASSIS, 2008, p. 261).

Tão importante quanto essa comunhão de ideias, entretanto, é a constatação de que o estudo do processo da criação literária em Montaigne foi decisivo para que Machado lhe absorvesse a doutrina, formando “uma concepção do fenômeno e da prática literária para seu próprio uso” (COUTINHO, 1999, v. 4, p. 340). Baseando sua criação na observação de Montaigne como um modelo para suas crônicas, Machado, ainda que possa discordar de alguma das reflexões montaignianas, saberá dar muito da forma dos *Ensaio*s – especialmente dos dois primeiros volumes – às crônicas: serão

breves, mas não faltarão as “narrativas menores” e os voos entre assuntos os mais diversos, compondo “aquela salada, a que se referia Montaigne”, sem dispensar os “melhores molhos da língua” (CORÇÃO. In: ASSIS, 1973, p. 325).

Carta de Machado ao amigo Joaquim Nabuco, datada de 19 de agosto de 1906, comprova a defesa empreendida neste trabalho do valor dos textos de orientação filosófica para a criação literária machadiana. Após citar algumas de suas leituras essenciais, Pascal e o *Eclesiastes*, afirma o autor de “Bons dias!”: “Se alguma vez me sucede discordar do que leio, sempre agradeço a maneira por que acho expresso o desacordo.” (ASSIS, 1973, p. 939). Encontra-se aí o depoimento do próprio escritor quanto ao valor desses textos não apenas pelo que eles podem oferecer ao pensamento humano, mas pela beleza estilística e pela forma de que deles se serviu para seu processo criativo.

Este estudo procurou recortar a relação entre Montaigne e Machado, lendo, do último, algumas de suas crônicas de “Bons dias!”. Gai dá a dimensão exata dessa relação quanto diz que a principal característica machadiana, “a sua nota particular, que consiste na sondagem dos caracteres, da alma humana, e a consequente denúncia das aparências” constitui também objeto dos *Ensaio*s (GAI, 1997, p. 151). Logo, é necessário que o estudo da presença de Montaigne em Machado se estenda a outros trabalhos do Mestre brasileiro, em especial às crônicas, textos que vêm exigindo uma atenção maior por parte da investigação científica.

Da lição que deixa Coutinho n’*A filosofia de Machado de Assis*, embora deva ser questionada a forma como ele vê o pessimismo em Machado, faz-se mister ressaltar o espírito clássico machadiano, por ele apontado. Um espírito que se formou na leitura e observação de Shakespeare, Montaigne, entre outros, e neles baseou, além de seu pensamento e atitude espiritual, muito de seu processo de criação literária.

## Referências

ASSIS, Machado de. *Bons dias!*. 3. ed. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2008.

ASSIS, Machado de. [Joaquim Nabuco: *Pensées détachées et souvenirs*]. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. Org. de Afrânio Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1973. v. 3. p. 938-940. (Biblioteca luso-brasileira, série brasileira, 17).

BLOOM, Harold. Montaigne e Molière: a evanescência canônica da verdade. In: \_\_\_\_\_. *O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo*. Trad. de M. Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. cap. 6, p. 146-166. Título original: *The Western Canon*.

BRASIL, Assis. *Vocabulário técnico de literatura*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1979.

CALVINO, Italo. Por que ler os clássicos. In: \_\_\_\_\_. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 9-16.

CORÇÃO, Gustavo. Machado de Assis cronista. In: ASSIS, Machado de. *Obras completas*. Org. de Afrânio Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1973. v. 3. p. 325-331. (Biblioteca luso-brasileira, série brasileira, 17).

COUTINHO, Afrânio. A crítica literária romântica. In: \_\_\_\_\_ (Dir.). *A literatura no Brasil*. 5. ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 1999. v. 4. p. 322-346.

COUTINHO, Afrânio. *A filosofia de Machado de Assis e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.

COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: \_\_\_\_\_ (Dir.). *A literatura no Brasil*. 5. ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 1999. v. 6. cap. 57. p. 117-143.

FREITAS, Almir de (Ed.). *Livros essenciais da literatura mundial*. 2. ed. São Paulo: Abril, 2009. (BRAVO! 100, 3).

GAI, Eunice Piazza. *Sob o signo da incerteza: o ceticismo em Montaigne, Cervantes e Machado de Assis*. Santa Maria: Ed. UFSM, 1997.

HOLANDA, S. Buarque de. A filosofia de Machado de Assis. In: \_\_\_\_\_. *O espírito e a letra: estudos de crítica literária*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 305-312.

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios*. Trad. de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. v. 1. (Os pensadores). Título original: *Essais*.

MONTAIGNE: vida e obra. Consultoria de Marilena Chaui. In: MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios*. Trad. de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. v. 1, p. I-XXI. (Os pensadores). Título original: *Essais*.

OLIVA, Osmar. Orientalismo e Romantismo: operadores conceituais e filosóficos para a criação literária em crônicas de “A semana”. In: SEMINÁRIO MACHADO DE ASSIS, 1., 2008, Rio de Janeiro. *[Anais...]*. Rio de Janeiro: UERJ; UFF; UFRJ, 2008. 1 CD-ROM.